

PROJETO Nº: **012592**

LINHA DE PESQUISA: Infancia Cultura e Cotidiano Escolar

TITULO: AS CRIANCAS E SUAS INFANCIAS: NARRATIVAS E EXPERIENCIAS RADICAIS
RESUMO

Esta pesquisa traz as vozes das crianças. Utiliza como referencial os estudos que consideram as crianças como atores sociais capazes de construir significados e sentidos sobre o mundo em que vivem, visibilizando-as como sujeitos capazes de produzir cultura e história. Uma pesquisa com crianças, fundada no encontro e no diálogo que explora o desafio da narrativa como metodologia investigativa. O processo de investigação narrativa envolve o compartilhamento das relações, dos espaços, das vozes, dos sentimentos em situações de igualdade entre a pesquisadora e as crianças que contam suas histórias. Problematiza as experiências narradas pelas crianças desabrigadas em consequência das chuvas em Teresópolis, produzindo uma metodologia de investigação que, fundada numa rota não-linear revela as crianças e suas infâncias.

PALAVRAS-CHAVE

crianças, infâncias, narrativas e experiências

INTRODUÇÃO

Ser feliz significa poder tomar consciência de si mesmo sem susto.
(Walter Benjamin, 2000)

Este trabalho constitui-se como projeto de pesquisa que ora apresento para inscrição no Programa de Iniciação Científica, Pesquisa e Extensão do UNIFESO.

No dia 12 de janeiro de 2011 fortes chuvas afetaram os municípios da região serrana do estado do Rio de Janeiro, provocando uma catástrofe natural sem precedentes. A proposta de estudo aqui apresentada visa a um aprofundamento do conhecimento das crianças a partir da sua perspectiva de vida nos abrigos que as acolheram após ter perdido sua moradia em Teresópolis.

Início o texto pela apresentação da temática em que se insere o tema do estudo, delimitando o objeto e o problema da pesquisa, abordando a trajetória que me possibilitou defini-los. A seguir apresento um esboço do referencial teórico-metodológico a partir do qual fundamento a proposta de investigação. E, por fim, indico as referências bibliográficas, até o momento, utilizadas para a elaboração deste projeto, bem como a proposta de cronograma.

Este trabalho nasce do confronto com o inesperado, com a experiência da vida após um desastre natural. Algumas situações nos surpreendem de tal forma que nos colocam frente ao desconhecido, ao inusitado. A calamidade que afetou a cidade de Teresópolis e região serrana do estado do Rio de Janeiro provoca a reflexão sobre o futuro imediato, sobre a continuação das vidas de todos, tanto aqueles afetados diretamente, quanto outros impactados com o caótico.

Do encontro voluntário com as crianças vítimas das chuvas que estão ou estavam nos abrigos emergenciais, nasce o desejo de compreender os sentidos e significados que elas atribuem à experiência da perda e ao mesmo tempo da sobrevivência. As consequências dos desastres naturais podem não ser sentidos da mesma forma por crianças e adultos, como também são diferentes em função das condições de vulnerabilidade das pessoas expostas ao desastre. Há um desconhecimento da percepção das crianças sobre a experiência da vida em situações de emergência [1]. Alguns organismos nacionais e internacionais têm trabalhado para atender crianças e adolescentes submetidos a tais emergências. No entanto, estudos que tragam a visão das crianças diante da situação de ser forçada a viver, repentinamente, em condições diferentes do que lhes era familiar não foram identificados até agora.

A opção por este tema de pesquisa reflete a inquietação provocada pelos silêncios iniciais das crianças nos abrigos e suas primeiras palavras sobre o evento que viveram. Mas também reflete os processos das experiências que marcam minha trajetória de pesquisadora no campo dos estudos das crianças e suas infâncias. Conhecer as crianças, o sentido que dão as suas vidas, como interagem, seus valores e crenças, suas

brincadeiras e relações sociais, envolve o movimento de articulação de minha prática docente com o projeto acadêmico da pesquisa. Compreender as crianças nessas circunstâncias torna-se uma possibilidade de produzir um conhecimento que possa incluir os desastres naturais como uma das situações de risco que as envolvem. Na trajetória de pesquisar com as crianças venho consolidando no encontro com Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin as bases teóricas para uma compreensão da educação, da cultura e da infância. Apoiada neste referencial a pesquisa em pauta pretende articular a sociologia, a antropologia, os estudos da infância, da linguagem, e os estudos culturais, para compreender as especificidades das construções culturais das crianças, de suas brincadeiras, e de suas ações verbais e não verbais (Kramer, 2003).

Nesta perspectiva a pesquisa busca superar a tradicional visão da infância como uma simples faixa etária, situando-a na complexidade social e histórica, dando visibilidade a uma etapa da vida do ser humano que historicamente tem ficado muda. Trata-se de dar voz as crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos, capazes de produzir sentidos ao mundo que as rodeia. Trata-se ainda de legitimar os significados que as crianças atribuem às suas experiências, mesmo que o façam diferentemente dos adultos que com elas convivem. Dentre as indagações que pretendo responder com esta pesquisa, colocam-se as seguintes: o que é ser criança em condições radicais de vida? O que pensam sobre suas condições de sobrevivência? Como se apropriaram da experiência trágica das chuvas?

Para responder a estas indagações assumo a perspectiva que as crianças têm consciência de seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas. Elas expressam suas formas singulares de pensar sobre o mundo nas falas, nos desenhos, nas brincadeiras e nas interações com outras crianças e com os adultos. Compreendo as crianças como seres humanos de pouca idade que constroem seu próprio universo a partir das relações sociais que produzem e que as produzem (Benjamin 2000,2002). Apoiada em Bakhtin (2003), assumo o desafio de abordar o objeto da pesquisa (as crianças e suas infâncias) como sujeitos, constituindo a dimensão filosófica que fundamenta o estudo da infância.

Nas pesquisas que tenho produzido com crianças assumo junto com elas o lugar de sujeito que conhece. Um conhecimento tecido nas histórias entrelaçadas e marcadas pelas experiências individuais e coletivas.

[1] “Situação de Emergência”: É o reconhecimento legal pelo poder público de situação anormal provocada por desastres. Os recursos humanos, institucionais, materiais e financeiros necessários para reverter a situação, quando superiores às possibilidades locais, podem ser reforçados e suplementados por recursos estaduais e federais já existentes e disponíveis no Sistema Nacional de Defesa Civil. (Manual de Planejamento em Defesa Civil. Volume 1. Antônio Luiz de Coimbra de Castro. Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Defesa Civil). Disponível em www.savethechildreneworld.org.br acessado em 15/2/2011.

Justificativa

As crianças e suas condições de vida estão em evidência. Elas têm sido, contemporaneamente, referências para as mais variadas formas de expressão sobre sua existência, tanto no campo das políticas públicas, quanto nos diversos movimentos sobre seus direitos. Segundo Sarmento e Pinto (1997) esta relevância torna-se um paradoxo, pois o momento em que o mundo acorda para a existência das crianças elas são em menor número relativo. A mídia ou mercado de roupas, brinquedos e eletrônicos destinados ao mundo infantil revelam o modo de ser criança que a atualidade aponta. Uma infância consumidora. No entanto os estudos, sobretudo no campo da sociologia da infância, enfatizam que a indústria cultural de produtos para a infância não é percebida pelas crianças de modo passivo e acrítico, mas sim uma recepção criativa, interpretativa e crítica (Sarmento, 2002).

Nesse sentido coloca-se a importância de compreender as crianças e suas infâncias como sujeitos que nas interações com seus pares, com os adultos e com a natureza, produzem cultura ao mesmo tempo em que são produzidas nestas interações. Esta perspectiva de compreensão remete ao paradigma que orienta o campo dos estudos interdisciplinares da infância e rompe com adultocentrismo que analisa as crianças a partir do entendimento e expectativas do adulto e de suas experiências em relação à sua própria infância (Sarmento, s/d).[1]

Na área da pesquisa acadêmica, os estudos da infância tornaram-se tema relevante tanto para as pesquisas empíricas, quanto nos estudos teóricos. Grupos e centros de pesquisa têm sido criados em âmbito nacional e internacional, possibilitando uma ampla produção em diferentes idiomas.

A partir da segunda metade do século XX a infância e as crianças vêm gradativamente adquirindo um estatuto ontológico social pleno. São reconhecidas como sujeitos sociais, de direitos plenos, com características próprias, com vontade e capacidade de opção. A conquista de um corpo de direitos para as crianças pode ser considerado um dado adquirido (Soares, 1997), porém em muitos contextos civilizacionais crianças vivem em situações de riscos pessoais e sociais. Na busca por consolidar estes direitos organizações internacionais e nacionais, tais como UNICEF, Conselho Nacional dos Direitos da Criança, entre outras, trabalham na salvaguarda, proteção e encaminhamento de crianças. No entanto destaco o caráter paradoxal das considerações da criança como sujeito de direitos, visto que ainda persistem em muitas partes do mundo fatores que submetem as crianças às situações de opressão e de péssimas condições de vida. Além disso, também parece ser um paradoxo a defesa dos direitos das crianças ao mesmo tempo em que elas são in-fantes, ou seja, aqueles que não têm voz.

Nesta pesquisa problematiza-se o significado etmológico da palavra infante, como aquele que não fala, rompendo com a postura dominante por séculos que as crianças são seres incompletos, dependentes dos desejos dos adultos. Assumo aqui a concepção de infância como categoria social e como categoria da história humana. O campo dos estudos da infância tem buscado formas de ouvir as crianças, explorando suas múltiplas linguagens e acreditando que elas têm o que dizer. Com isso destaca-se a relevância desta pesquisa por trazer elementos para compreender as crianças, reconhecendo que desde a mais tenra idade elas interagem, atribuem significados, têm gostos, desejos, medos, experiências que constroem suas identidades.

Na minha prática de pesquisa tenho dialogado com crianças de diferentes idades e de diferentes grupos sociais. São diálogos que as revelam, mas ao mesmo tempo revelam o mundo que as rodeia. Nossas conversas são orientadas pela idéia de que elas são sujeitos de cultura e história e que são parte dessa cultura ao mesmo tempo em que contribuem para produzi-la (Benjamin, 2002). Ao ouvi-las com atenção compartilho suas experiências num movimento que se torna experiência para a pesquisadora. Suas histórias trazem as experiências num mundo complexo no qual as interações com os adultos e com seus pares as constituem e a partir de sua lógica pensam, sentem e criam suas vidas. Agora me proponho ao desafio de ouvir histórias radicais e de me constituir como narradora de experiências comunicáveis. Um esforço para não fazer do momento da catástrofe natural uma nova barbárie. Benjamin (1994, p.116) afirma que a barbárie é a pobreza de experiências que impele o bárbaro “a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”. Romper com a barbárie significa tornar os acontecimentos experiências que irão compor o nosso patrimônio cultural. Como experiências poderão ser narradas, contadas e recontadas.

Nesse sentido o trabalho da pesquisa será escavar e escovar a contrapelo, procurando os vestígios dos acontecimentos nas histórias das crianças. Um processo que recorrerá à Benjamin e outros interlocutores que compartilham sua concepção de história, na qual o presente se articula ao passado como reminiscência “tal como ela relampeja no momento de um perigo” (ibid., p. 224). Se assim nos apropriarmos do passado poderemos romper com a barbárie.

A pesquisa nessa perspectiva pode assumir uma dimensão educativa ao recorrer as crianças como narradoras, pois ao contarem suas histórias estarão constituindo-se como sujeitos críticos e autônomos. Kramer (2005, p.269) assinala a importância da educação como possibilidade de romper com a barbárie.

“Penso que não corremos o risco de chegar à barbárie porque há muito vivemos na barbárie. E devemos educar contra ela. Educar contra a barbárie significa recuperar a história e as histórias guardadas e esquecidas, estabelecendo uma outra relação com a tradição, significa colocar o presente numa situação crítica e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é, que, portanto, é possível mudar o futuro.”

Portanto interessa narrar a experiência radical de Teresópolis através das crianças. O conceito de experiência para Benjamin se configura nas ações cotidianas que conformam a pessoa, que possuem conteúdo e transcendem ao conhecimento em si, como um traço cultural enraizado na tradição. Ouvir as narrativas das crianças significa então compreender suas experiências a partir do lugar onde estão, do que lhes acontece e afeta. Assim é possível também compreender a época em que se vive.

As crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais

reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferentes, através daquilo que com eles aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si. Com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas. (Benjamin, 2000, p.18-19)

Acredito que conhecer as crianças e suas infâncias constitui-se como possibilidade para conhecer a história humana, não de maneira linear, mas no entrelaçamento de passado, presente e futuro. Cuidar das crianças no aqui e agora, tendo o passado como referência, pode transformar o futuro.

[1] Texto de autoria do Prof Manuel Jacinto Sarmiento produzido com o intuito de organizar um mapa de conceitos no campo da sociologia da infância e publicado no Centro de Documentação e Informação sobre a Criança – Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho – Portugal , disponível em www.cedic.iec.uminho.pt

Objetivos

Em síntese, enuncia-se o objetivo deste estudo como um aprofundamento do conhecimento das crianças e suas infâncias com foco na compreensão de suas experiências em acontecimentos radicais. A proposta deste trabalho é contribuir para o campo dos estudos da infância, utilizando os meios de uma pesquisa qualitativa. O eixo central é a pesquisa com crianças, buscando a partir das suas narrativas tecer os significados da vida diante do impensado, da brusca mudança nas condições de existência.

Em decorrência da centralidade na pesquisa com crianças, coloca-se outro objetivo, que busca refletir acerca da vida na comunidade de abrigos emergenciais e como os sujeitos crianças nas suas interações com os adultos constroem o poder de transformar a realidade e recriar seu mundo. Certamente me ajuda o entendimento freiriano da esperança como imperativo existencial e histórico. Como necessidade ontológica a esperança precisa ancorar-se na prática para tornar-se concretude histórica (Freire, 1992).

Metodologia

O esforço de compreensão das crianças, seus modos de fazer, suas experiências e as formas de ouvi-las tem sido foco de uma profícua produção no campo dos estudos das crianças e suas infâncias.

Campos (2008) ressalta que as crianças fazem parte da pesquisa científica há muito tempo, mas na condição de objeto a ser observado, medido, descrito, analisado e interpretado. Nesta pesquisa rompe-se com os ditames da razão adulta e inverte o lugar das crianças, focando numa proposta metodológica que visa compreendê-las, captando suas singularidades, decifrando seus enigmas e tecendo os fios de seu mundo. Uma proposta que, fundada numa rota não-linear, explora o desafio da narrativa como recurso investigativo, que envolve o compartilhamento das relações, dos espaços, das vozes, dos sentimentos, em acontecimentos que envolvem a pesquisadora “junto com”[1] as crianças que contam suas histórias. Estas são relações necessariamente dialógicas que implicam numa postura teórico-metodológica que valoriza as interações da pesquisadora com as crianças como experiências que compartilham. O conceito bakhtiniano de dialogismo se constitui como referência no entendimento das práticas de pesquisa. Segundo Bakhtin (2003, p.400) “o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico”. As relações dialógicas são relações de sentido que estão presentes nas interações entre pessoas.

Para tal busco incorporar o narrador de que fala Benjamin (2002), entendendo a narração como produto de tudo que é aprendido na vida social, como produto da experiência. Desprovido da experiência desaparece o narrador. O narrador benjaminiano, “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 1994 p.201). Quando narra a experiência do outro, o faz a partir de sua experiência em ouvir a narrativa e a incorpora a sua própria. A narrativa traz a marca do narrador, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (ibid., p.205). Ela envolve o ouvinte ou o leitor, de tal modo, que o leva a tecer outras narrativas, como numa rede.

Pesquisadores, fundamentados em Benjamin, em muitos campos das ciências sociais e na educação vêm utilizando a narrativa como modo de investigação[2]. Destacam as várias possibilidades para a investigação narrativa como matriz qualitativa, pois está baseada na experiência vivida e compartilhada pelos sujeitos da pesquisa de maneira intensa que se desenvolve em um tempo e espaço e implicam em relações de sentimentos,

de igualdade e atenção mútuas. Possibilita um trabalho que impõe ao pesquisador, um olhar para os símbolos, as interpretações dos diferentes atores, suas crenças e valores.

A opção metodológica da pesquisa é a própria pesquisa. Isto porque a construção de uma metodologia de pesquisa que contemple as pequenas e os pequenos revela-se como a reflexão sobre os estudos da infância. Nesse sentido pretende-se utilizar desenhos e outros contextos narrativos para conhecer melhor as crianças, estes seres conhecidos e ao mesmo tempo tão desconhecidos. A pesquisa assim entendida, não trabalha com técnicas, mas com modos de conhecimento: caderno de campo, narrativas, transcrições.

[1] O destaque para esta expressão tem o propósito de marcá-la como referência à perspectiva metodológica da investigação narrativa.

[2] ver LARROSA, Jorge et al.. *Déjame que te cuente: ensayos sobre a narrativa e educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

ESTRATÉGIAS DE COLETA DE DADOS

Buscarei as crianças, sujeitos desta pesquisa, em dois espaços. Um deles é o abrigo de emergência da Igreja Batista da Barra do Imbuí, no qual o Curso de Pedagogia está desenvolvendo o projeto Calouro Solidário. A opção por este abrigo foi feita em função da aproximação já estabelecida com as crianças ali abrigadas que acredito facilitará o encontro com as crianças narradoras. Neste abrigo estão 31 crianças.

O outro espaço será a Escola Municipal Paulo Freire onde estão matriculadas as crianças moradoras dos bairros Caleme e Posse, mais atingidos pela calamidade e que estavam em abrigos de emergência até a segunda semana de fevereiro. Interessa-nos as narrativas das crianças que ficaram desabrigadas com suas famílias e que estão no abrigo acima referido. Isto porque nesta escola também podemos encontrar crianças atingidas pelas chuvas, mas que ficaram desalojadas, morando em casas de parentes, mas não perderam suas casas. O propósito é conhecer as crianças a partir das experiências mais radicais de perda dos referenciais de casa, lar e de como elas restabelecem os laços com o novo lugar de vida.

Como já explicitado nos itens anteriores, será no compartilhamento com estas crianças que os caminhos para conhecê-las e os sentidos e significados que atribuem ao mundo que as rodeia serão tecidos. Nestes caminhos os indícios, sinais, as pistas e os dados marginais são reveladores para compreender as crianças. Na pesquisa com crianças o paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) fornece as condições de sensibilidade para perceber, mesmo nas situações mudas, os sentidos encobertos na sombra.

Ao longo das pesquisas que tenho desenvolvido com crianças venho explorando a estratégia que denomino “conversas” como forma de recolher as narrativas. Tais conversas acontecem em situações de encontros[1] que não são pré-estabelecidos. Isto porque entendo que não se trata de “dar” voz as crianças no sentido de que é o adulto que permite sua fala, mas possibilitar o diálogo na perspectiva da consideração da criança como outro (Larrosa, 2006). Os encontros acontecerão mediados por situações de brincadeiras e incluindo os desenhos infantis como suporte para as narrativas. Os desenhos conjugados às narrativas são reveladores dos olhares e concepções das crianças sobre seu mundo social, histórico e cultural.

[1] Encontrar neste contexto está referenciado em Larrosa (2006), como condição de topar com aquilo que não se busca.

Estratégias de tratamento e análise

A reflexão a partir dos dados será realizada ao longo da pesquisa. O caderno de campo, as narrativas, as cenas dos encontros serão captados numa perspectiva compreensiva que não analisa, nem explica. É um mergulho no visível para compreender o invisível. Uma técnica capaz de captar a singularidade que Benjamin (1994) chama de aura. O esforço de compreensão permite fazer brilhar os sentidos revelados nas ações dos atores, sujeitos das experiências vividas. Compreender não é explicar ou analisar, mas mover-se nos entrelugares (Bhabha, 1998) que envolvem a pesquisadora, “no processo dialético e dialógico de indagar-conhecer-indagar e aprender-ensinar-aprender” (Zaccur, 2003, p. 197). Portanto, as estratégias aqui explicitadas estão fincadas no paradigma do círculo dialético prática-teoria-prática, defendendo a prática como locus da teoria em movimento. A pesquisadora não analisa o sujeito pesquisado, mas se põe em diálogo, tecendo novos conhecimentos sobre o processo da pesquisa (Garcia, 2003).

BIBLIOGRAFIA

- 1- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- 2- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7ª ed... São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 3- _____. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 5ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- 4- _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; ED 34, 2002.
- 5- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- 6- CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir as crianças? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- 7- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- 8- GARCIA, Regina Leite. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: _____. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- 9- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- 10- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 2003.
- 11- _____. Infância e educação: o necessário caminho de educar contra a barbárie. In: *Infância e educação infantil*. Rio de Janeiro: Papirus, 2005. 269-280.
- 12- LARROSA, Jorge et all.. *Déjame que te cuente: ensayos sobre a narrativa e educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- 13- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- 14- SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel (coord.). *As crianças contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança. Braga: Bezerra Editora, 1997. 9-28
- 15- SARMENTO, Manuel J. *Imaginário e culturas da infância*. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: interculturalidade nas culturas da infância” Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em www.projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>. acesso em agosto 2008.
- 16- _____. Mapa de conceitos na área de estudos da sociologia da infância. IEC. Portugal. Universidade do Minho: s/data.
- 17- SOARES, Natália Fernandes. Direitos da criança: utopia ou realidade?. In: SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel (coord.). *As crianças contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança. Braga: Bezerra Editora, 1997. 77-111.
- 18- ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iteração, interações e errâncias cotidianas. In: GARCIA, Regina Leite. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

CRONOGRAMA

A pesquisa se desenvolverá de acordo com as seguintes etapas:

- 1- Revisão bibliográfica: será realizada ao longo da pesquisa
- 2- Identificação das crianças que estavam nos abrigos de emergência e matriculadas na Escola Municipal Paulo Freire: março
- 3- Contato com a escola para solicitar autorização para identificar as crianças e suas famílias: março
- 4- Contato com as famílias das crianças para solicitação de autorização para colher suas narrativas: março e abril
- 5- Inserção na escola para os encontros com as crianças: de abril a outubro
- 6- Elaboração de textos iniciais e reflexões sobre as questões de pesquisa: maio, julho
- 7- Apresentação dos resultados parciais: outubro (Fórum do CCHS)
- 8- Elaboração do relatório final: novembro e dezembro

ORÇAMENTO

Não há previsão de orçamento

ANEXO

Plano de trabalho do bolsista de Iniciação Científica

O bolsista participará diretamente de todos os momentos da pesquisa, tanto nas conversas com as crianças, quanto nas reflexões a partir das narrativas. Podem-se elencar as seguintes atividades:

- Estudo teórico dos autores que embasam a pesquisa;
- Encontro com as crianças;
- Elaboração de textos reflexivos, discutindo os dados;
- Anotações no caderno de campo;
- Transcrição de narrativas gravadas

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS
CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO
CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, responsável por _____ declaro, a quem possa interessar, que a pesquisadora Profª Maria Terezinha Espinosa de Oliveira, tem o consentimento para utilizar, as narrativas e desenhos produzidos por _____ aluno da Escola _____, bem como todas as informações colhidas no decorrer da pesquisa intitulada **AS CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS : narrativas e experiências radicais**, nas publicações que se fizerem necessárias. Afirmo, outrossim, ter recebido as informações para que, espontaneamente, possibilitasse o desenvolvimento da pesquisa nesta escola.

Teresópolis, _____ de _____ de 2011

Assinatura

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS
CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, diretora da Escola Municipal Paulo Freire declaro, a quem possa interessar, que a pesquisadora Profª Maria Terezinha Espinosa de Oliveira, tem o consentimento para utilizar, as narrativas e desenhos produzidos pelos alunos desta escola, bem como todas as informações colhidas no decorrer da pesquisa intitulada **AS CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS : narrativas e experiências radicais**, nas publicações que se fizerem necessárias. Afirmo, outrossim, ter recebido as informações para que, espontaneamente, possibilitasse o desenvolvimento da pesquisa nesta escola.

Teresópolis, _____ de _____ de 2011

Assinatura